

Norma Breda dos Santos
(ORGANIZADORA)

Brasil e Israel

Diplomacia e sociedades

EDITORA

UnB

Outros lançamentos da Editora UnB

Economia e sociedade – vols. I e II

Max Weber

A formação da realidade econômica

Rita de Cássia L. F. Santos

A natureza, o homem e a economia

Helano Maia de Souza

Lutas, jogos e debates – 2ª edição

Anatol Rapoport

Poder e sociedade – 2ª edição

Abraham Kaplan

Harold Lasswell

Sindicalismo e democracia

Betina Schürmann

Política e graça

Christian Meier

A proteção internacional dos direitos humanos e o Brasil

Antônio Augusto Cançado Trindade

Política de defesa no Brasil

Domício Proença Jr.

Eugenio Diniz

Brasil e Israel: diplomacia e sociedades

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Reitor
Lauro Morhy

Vice-Reitor
Timothy Martin Mulholland

EDITORA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

Diretor
Alexandre Lima

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre Lima, Airton Lugarinho de Lima Camara, Emanuel
Oliveira Araújo, Hermes Zaneti, José Maria Gonçalves de
Almeida Júnior, Moema Malheiros Pontes



Norma Breda dos Santos
(organizadora)

Brasil e Israel: diplomacia e sociedades

*Coleção Relações Internacionais,
dirigida por Amado Luiz Cervo*

EDITORA



UnB

Copyright © 2000 by Norma Breda dos Santos (organizadora)

Impresso no Brasil

Direitos exclusivos para esta edição:

Editora Universidade de Brasília

SCS Qd. 02 Bloco C Nº 78

Ed. OK 2º andar

70300-500 Brasília – DF

Tel: (0xx61) 226-6874

Fax: (0xx61) 225-5611

editora@unb.br

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação poderá ser armazenada ou reproduzida por qualquer meio sem a autorização por escrito da Editora.

Equipe editorial: Wânia de Aragão-Costa (Preparação de originais); Terra Brasil – Fábrica de Textos (Revisão); Fernando Luis (Editoração eletrônica); Márcio Duarte (Capa)

Ficha catalográfica elaborada pela
Biblioteca Central da Universidade de Brasília

B823 Brasil e Israel: diplomacia e sociedades / Norma Breda dos Santos (organizadora). – Brasília : Editora Universidade de Brasília, 2000.
264p. – (Coleção relações internacionais)

ISBN 85-230-0592-7

1. Relações internacionais – Brasil. 2. Relações internacionais - Israel. 3. Diplomacia. 4. Política internacional. I. Santos, Norma Breda dos. II. Série.

CDU 327(81:569.4)

Para Helena Salem

Sumário

APRESENTAÇÃO, **9**
AMADO LUIZ CERVO

PREFÁCIO, **13**
NORMA BREDAS DOS SANTOS

PARTE I

O BRASIL E A QUESTÃO ISRAELENSE NAS NAÇÕES UNIDAS: DA CRIAÇÃO DO
ESTADO DE ISRAEL AO PÓS(?)-SIONISMO, **19**
NORMA BREDAS DOS SANTOS

BRASIL-ISRAEL: DA PARTILHA DA PALESTINA AO RECONHECIMENTO
DIPLOMÁTICO (1947-1949), **71**
TULLO VIGEVANI E ALBERTO KLEINAS

O BRASIL DE VARGAS E AS RELAÇÕES DIPLOMÁTICAS COM ISRAEL:
ANÁLISE COMPARATIVA COM A ARGENTINA, 1949-1955, **115**
LEONARDO SENKMAN

ISRAEL E O MUNDO ÁRABE NO CRUZAMENTO DAS ESCOLHAS
INTERNACIONAIS DO BRASIL, **149**
ANTÔNIO CARLOS LESSA

PARTE II

BRASIL E ISRAEL NA GLOBALIDADE: UM ENSAIO, **189**
PEDRO P. GEIGER

“JUDEUS MESSIÂNICOS” E SUA “CASA DE ISRAEL” EM BRASÍLIA:
TEMPO, ESPAÇO E IDENTIDADE, **217**

SONIA BLOOMFIELD RAMAGEM

MÍDIA E ORIENTE MÉDIO: UMA RELAÇÃO DE GUERRA E PAZ, **235**

DIANE KUPERMAN

Apresentação

*Amado Luiz Cervo**

Brasil e Israel: diplomacia e sociedades, o livro organizado por Norma Breda dos Santos, foi escrito com esmero por oito autores que analisaram o tema com o objetivo de compreender a substância e o alcance das relações entre estes dois países. A primeira percepção que tivemos com sua leitura leva-nos a crer que não se descortina originalidade marcante nas relações de longo prazo entre Brasil e Israel, quando comparadas com as relações do país judeu com a grande maioria dos países ocidentais. Com efeito, o Ocidente viu-se na contingência de reagir diante da instabilidade política da região, da ascensão de Israel como potência regional e das grandes oportunidades de negócios criadas pelos países árabes. A conduta das diplomacias ocidentais, de certo modo, assemelhou-se.

O Brasil vinculou-se, historicamente, a Israel, de duas formas: pelo envolvimento diplomático e político, por um lado, e pela etnicidade e cultura, por outro.

Desde o empenho de Oswaldo Aranha em criar o Estado de Israel, quando este brasileiro era presidente da Assembléia da ONU, em 1947, até nossos dias, a diplomacia brasileira nunca deixou de acompanhar o destino daquela nação do Próximo Oriente e de reagir em face dos acontecimentos que afetavam sua existência. As atitudes do governo brasileiro, como de outros governos, oscilaram, e muito, ante o quadro regional conturbado e

* Professor Titular de História das Relações Internacionais da Universidade de Brasília.

ante o dilema de ter de considerar a sorte de países vizinhos a Israel, particularmente a causa do povo palestino. A política internacional teve, na região, uma de suas zonas de alta pressão, com impulsos próprios e não apenas decorrentes das injunções da Guerra Fria. Daí o envolvimento de um país como o Brasil – apesar de alheio ao conflito leste-oeste – com as convulsões políticas do Próximo Oriente.

Laços étnicos e culturais entre Brasil e Israel compeliavam os dois países ao relacionamento bilateral. Os judeus ocupam, com efeito, largo espaço na base da sociedade brasileira, racialmente heterogênea e culturalmente plural. Seria inimaginável pensar que os componentes da etnia e da cultura de origem judaica não houvessem de resultar em pressões sociais a pesar sobre as decisões do governo brasileiro em matéria de política exterior.

Três dificuldades comprometeram, todavia, o adensamento das relações entre Brasil e Israel na segunda metade do século XX: a irrelevância de Israel como parceiro econômico do Brasil, o apoio emprestado pelo Brasil à causa palestina e os interesses econômicos envolvidos nas relações entre o Brasil e o mundo árabe. O livro que apresentamos busca, na ação dessas outras forças, explicação para as oscilações da política brasileira diante de Israel e, até mesmo, para suas aparentes incoerências.

A questão palestina é ilustrativa. O apoio emprestado pela diplomacia brasileira à causa palestina era difuso, embora tão remoto quanto aquele dado à criação e à sobrevivência de Israel. Mas, nos anos 70, levando em conta a possibilidade de compensar, pelo comércio de exportação e pela penetração de empresas brasileiras de serviços de engenharia, os enormes gastos com o petróleo de procedência árabe, o governo brasileiro reforçou duas diretrizes de política para o Próximo Oriente: condenou, de forma dura, a expansão territorial de Israel pela guerra em detrimento dos países vizinhos e tornou explícita sua voz a favor da criação do Estado palestino. Esta inflexão da política brasileira traduzia a pouca relevância de Israel para os interesses econômicos do Brasil e, por outro lado, a expansão dos negócios com o mundo árabe.

Ademais, essa mudança de acento nos objetivos estratégicos regionais verificada nos anos 70 assentou-se nos mesmos vínculos

étnicos e culturais referidos acima para dar inteligibilidade à aproximação entre Brasil e Israel. Com efeito, por ser etnicamente heterogêneo e culturalmente plural, o Brasil apresenta vínculos com o mundo árabe, particularmente com a Síria e o Líbano, semelhantes àqueles que alimentam as relações entre Brasil e Israel.

Ao fazermos o balanço de meio século acerca das relações entre Brasil e Israel, é forçoso reconhecer que estas estiveram permanentemente condicionadas pela intensidade e pela instabilidade das relações do país judeu com os vizinhos, por um lado, e, por outro, pela intervenção que faziam as grandes potências na região. Parece-nos conveniente reconhecer, todavia, à luz das pesquisas expostas neste livro, que a diplomacia brasileira teve, por escopo, promover o entendimento entre os povos do Oriente Médio.

Com efeito, a contribuição do Brasil ao processo de paz entre árabes e judeus que nos anos recentes encaminhou-se foi modesta em termos operacionais, mas expressiva em termos políticos. Resume-se em duas palavras – Apoio e Contenção: apoio ao espaço físico e ao arcabouço político indispensáveis à organização própria e à sobrevivência das comunidades locais, fossem Estados, como a Síria, a Jordânia, o Egito, o Líbano e Israel, fossem comunidades apátridas como o povo judeu e o povo palestino; contenção da conquista territorial pela força das armas, fosse a determinação árabe de destruir o Estado de Israel, fosse a determinação israelense de alargar, desmesuradamente, as fronteiras em nome da segurança.

Como sempre, em política exterior, são os interesses nacionais que comandam as decisões dos Estados. Os interesses do Brasil no mundo árabe avolumaram-se desde o aumento dos preços do petróleo e a investida comercial e empresarial brasileira na região. Israel perdeu peso para o Brasil: seu mercado era comparativamente irrelevante ao lado do mercado árabe, consumidor presumível de produtos agrícolas, de armas, de manufaturados e de serviços de engenharia oferecidos pelo Brasil. Ao final do século XX, se os israelenses conservam alguma mágoa com relação à política de aproximação com que o Itamaraty preparou o terreno para a estratégia brasileira de cooperação econômica com o mundo árabe, podem apelar ao seu senso de ironia e desabafar.

Com efeito, após a Guerra do Golfo, desfeita a Guerra Fria, a realização de interesses brasileiros no Oriente Médio ficou à deriva. Da Arábia Saudita, país com o qual o Brasil estava no ponto de estabelecer expressiva parceria econômica, estes interesses foram alijados pelos Estados Unidos. Foram expulsos do Irã, pelo fundamentalismo religioso e do Iraque, pela derrota na guerra. A diplomacia brasileira não tem força, ao final do século XX, para abrir espaço aos interesses brasileiros, que não encontram mais terreno firme no Oriente Médio. Precisamente quando se vislumbra a consolidação do processo de paz entre palestinos e israelenses, a presença brasileira nos países do Próximo Oriente declina, vítima da instabilidade histórica da região e da irrupção da nova ingerência internacional das grandes potências, cujas intervenções se fazem no mundo globalizado com o intuito de consolidar seus próprios e exclusivos interesses econômicos.

O livro coloca o desafio de se pensar a nova estratégia brasileira para esta região e, nesse particular, o entendimento com Israel torna-se indispensável.



recorte aqui

dobre aqui

!SR-47-580/85
UP CT/GOT
DR/BSB

**CARTÃO RESPOSTA COMERCIAL
NÃO É NECESSÁRIO SELAR**

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
70919 970 BRASÍLIA DF

P E S Q U I S A

A Editora Universidade de Brasília está desejando conhecer melhor os seus leitores. Em nossos livros você encontra um formulário para preencher e nos enviar e receber gratuitamente informativos sobre nossos lançamentos. Aproveite para dar a sua opinião sobre os nossos livros. Obrigado.

Nome

Endereço

Bairro

Cidade

UF

CEP

RG

Telefone

Data de nascimento

CPF

Empresa onde trabalha

Profissão

Ramo de atividade

Sexo

masculino

feminino

Possui filhos?

sim

não

Estado civil

casado

solteiro

outros

Qual a faixa etária

0 a 5

6 a 10

acima de 10

Quais são as áreas, dentro de nosso linha de publicação, que mais interessam a você?

Negócios

Biografias

Culinária

Dicionários

Direito

Literatura

Psicologia

Turismo

Informática

Ciências Exatas

Religiões e Crenças

Ciências Biológicas e Medicina

Artes, Esportes e Lazer

Ciências Humanas e Sociais

Use este espaço para dar sua opinião e/ou sugestões sobre as nossas publicações.



*Gráfica e Editora
Qualidade Ltda.*

Fone PABX (061) 386-5199
Fax: (061) 386-4200

qualidade@tba.com.br



Clássicos gregos e latinos
Editora UnB

Orestes
Eurípides

Lísis
Platão

Apologia de Sócrates/Crítion
Platão

Agamenon
Ésquilo

As traquínias
Sófocles

Díálogo dos mortos
Luciano

Hipólito
Eurípides

A sogra
Terêncio

A comédia da marmíta
Plauto

Pluto (A riqueza)
Aristófanes

Brasil e Israel



Brasil e Israel: diplomacia e sociedades foi escrito, com esmero, por oito autores que analisaram o tema com o objetivo de compreender a substância e o alcance das relações entre estes dois países. A primeira percepção que tivemos com sua leitura leva-nos a crer que não se descortina originalidade marcante nas relações de longo prazo entre Brasil e Israel, quando comparadas com as relações do país judeu com a maioria dos países ocidentais. Com efeito, o Ocidente viu-se na contingência de reagir diante da instabilidade política da região, da ascensão de Israel como potência regional e das grandes oportunidades de negócios criadas pelos países árabes. A conduta das diplomacias ocidentais, de certo modo, assemelhou-se.

Desde o empenho de Oswaldo Aranha em criar o Estado de Israel, quando este brasileiro era Presidente da Assembléia da ONU, em 1947, até nossos dias, a diplomacia brasileira nunca deixou de acompanhar o destino daquela nação do Oriente Próximo e de reagir em face dos acontecimentos que afetavam sua existência. As atitudes do governo brasileiro, como de outros governos, oscilaram, e muito, ante o quadro regional conturbado e ante o dilema de ter de considerar a sorte de países vizinhos a Israel, particularmente a causa do povo palestino. A política internacional teve, na região, uma de suas zonas de alta pressão, com impulsos próprios e não apenas decorrentes das injunções da Guerra Fria. Daí o envolvimento de um país como o Brasil – apesar de alheio ao conflito leste-oeste – com as convulsões políticas do Próximo Oriente.

Código EDU 277487

